

UNIVERSITY OF
JAMNAMPUR
BIBLIOTHECA

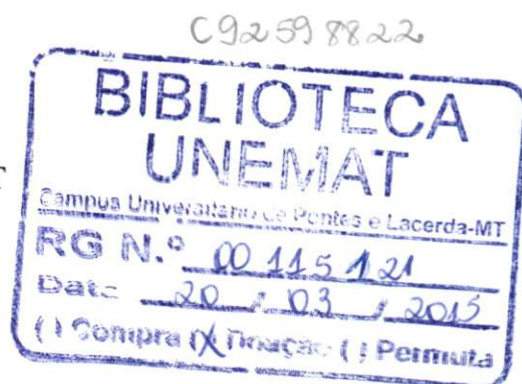
811091

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MICHELE FAGUNDES VALIM MAZETE

A ROSA DO POVO: UMA LEITURA SOCIAL DE DRUMMOND

**PONTES E LACERDA – MT
DEZEMBRO 2014/2**



MICHELE FAGUNDES VALIM MAZETE

A ROSA DO POVO: UMA LEITURA SOCIAL DE DRUMMOND

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras – Campus Universitário de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação do Prof. Me. José Pereira S. Neto, como requisito para obtenção do título de Graduada em Letras.

PONTES E LACERDA – MT

DEZEMBRO 2014/2



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA SEGUINTE
BANCA EXAMINADORA:

Josi Pereira Da Silva Neto
Prof. (orientadora)

Aparecida Cristina da Silva Ribeiro
Prof.. (membro)

Ricardo Marques Macedo
Prof. (membro)

Pontes e Lacerda - MT
dezembro/2014

AGRADECIMENTOS

Neste momento importante de minha vida, existem muitos a quem devo agradecer:

A Deus, por me guiar nesta caminhada, presente nos momentos fáceis e difíceis, sendo meu refúgio e fortaleza;

Aos meus amados pais Hélio e Sueli, agradeço, pelo amor incondicional, carinho e atenção, sobretudo a educação pautada em valores morais e éticos que me fizeram a pessoa que sou;

Aos meus irmãos, Fabiano e Cristina, pela torcida para a concretização deste trabalho.

Ao meu sobrinho Felipe, por trazer tanta alegria e felicidade para toda a nossa família;

Aos meus queridos amigos Claudinei, Claudeir, Kátia, que sempre me ajudaram e me apoiaram, tendo sempre paciência, saiba que eu os amo muito.

Aos meus amigos de faculdade que sempre me apoiaram nessa longa caminhada. A vocês só tenho a agradecer sempre pela enorme contribuição para o meu processo de formação educacional.

Agradecimento ao meu querido orientador José Pereira, a quem devo muito nessa minha caminhada acadêmica, estando presente nos momentos de dificuldades pessoais; meu imenso agradecimento por me apoiar quando sofri aquele acidente, foi com seu imenso apoio que consegui continuar minha caminhada.

Ao meu querido amigo Ricardo Marques Macedo, que me ajudou na construção desse trabalho, em parceria com meu orientador José Pereira, tornou-se também um grande amigo que mora no meu coração.

RESUMO

Este estudo procura demonstrar que a literatura empenhada Carlos Drummond de Andrade em *A rosa do povo* (1945) é um instrumento em favor da defesa das questões sociais do período do regime militar de Getúlio Vargas, denominado de Estado Novo. Para tanto usamos como objeto de análise os poemas *A flor e a Náusea* e *Nosso tempo*, para que assim pudéssemos demonstrar a presença nos poemas de ideias que se referissem de forma direta e/ou indireta a esse contexto histórico do período regime militar da Era Vargas, e a também analisar como esses acontecimentos afetavam a sociedade brasileira. Assim a presente pesquisa busca demonstrar como Carlos Drummond de Andrade usa da poesia como forma de resistência e enfrentamento em favor de uma sociedade assolada pelo sofrimento decorrente de ações de um regime autoritário.

PALAVRAS-CHAVE: Flor, simbologia, Drummond.

ABSTRACT

This study aims to demonstrate that literature committed by Carlos Drummond de Andrade in *A rosa do povo* (1945) is an instrument in favor of the defense of the social issues of the military regime of Getúlio Vargas time, called Estado Novo. For that we use as examples fragments of poems *A flor e a náusea* and *Nosso tempo*, so that we could demonstrate the presence in the poems of ideas that they referred directly and/or indirectly to that historical context of the period prescribed by the military regime of Vargas, and also examine how these events affected the Brazilian society. Therefore, this research tries to demonstrate how Carlos Drummond de Andrade uses of poetry as a form of resistance and face in favor of a society beset by suffering caused by actions of an authoritarian regime.

KEY-WORDS: Flower, symbology, Drummond

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I.....	9
<i>A ROSA DO POVO</i> E A TRAJETÓRIA DA ESCRITA POÉTICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	9
1.1- Posicionamento Sobre as Questões Sociais do Intelectual Exposto em Suas Poesias	12
CAPÍTULO II	20
AS RELAÇÕES ENTRE O EU E O MUNDO NA POESIA DE DRUMMOND	20
2.1- Surge a Esperança de Renovação.....	25
2.2- A Relação Entre os Poemas <i>a Flor</i> e <i>Náusea</i> e <i>Nosso Tempo</i>	27
CAPITULO III	34
A ESPERANÇA DE RENOVAÇÃO	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa procura compreender as relações existentes entre dois poemas da obra literária *A rosa do povo* (1945), de Carlos Drummond de Andrade, e o período conturbado de 1930 até 1945, em que o regime militar dominava a sociedade. Pretendemos, assim, analisar especificamente as configurações dos poemas (*A flor e a náusea*, e *Nosso tempo*) cuja escrita se apresenta, segundo esta pesquisa, como estratégias de resistência do sujeito lírico ao ambiente de conflito dos anos 30 e 40.

Os eixos temáticos dos dois poemas de *A rosa do povo* (1945) vêm com posições contrárias ao cenário político da época. Também se apresenta de forma diferente em sua escrita, pois se pauta na escrita modernista, na qual o discurso se apresenta de modo que o leitor é capaz de reconhecer marcas, indicações acerca de objetos de crítica por ela confrontados. Desta forma, se constitui por uma escrita simples e descomplicada.

A pesquisa também se pauta na análise direta com o contexto do período do Estado Novo, sendo que esse poder era caracterizado em linhas gerais como um processo em que a política brasileira se torna centralizada, ou seja, o povo era comandado por um regime militar autoritarista de Getúlio Vargas e a existência de uma formação social coerente é aniquilada, dando assim destaque para a violência, injustiça e concentração de poder.

Assim, a construção dessa pesquisa também se firma no estudo das relações existentes entre esse período conturbado do regime militar da era Vargas e o engajamento social de Drummond diante desses acontecimentos que assolavam a sociedade da época. Acredita-se, então, que o escritor através da escrita aponta as injustiças sociais.

Os poemas analisados possuem uma temática voltada para esses acontecimentos sociais da época, colocando a mostra todo o engajamento social, a luta e revolta de um poeta que vivencia de muito perto todos esses acontecimentos.

Esse trabalho foi dividido em três capítulos, no primeiro temos uma breve apresentação do escritor Carlos Drummond de Andrade, onde é feito um breve relato sobre sua trajetória de vida, para que assim compreender como se deu o surgimento do engajamento social marcante em suas obras, também é nesse capítulo que exponho o referencial teórico acerca do escritor e de formação de uma escrita poética. Para isso é utilizado como material de apoio teórico os autores Antônio Candido, Nelly Novaes Coelho, dentre outros.

Já no segundo capítulo temos a apresentação dos dois poemas escolhidos para a análise com um estudo voltado para a estrutura. Percebe-se o estudo de partes que podem ter ligação com o engajamento social, foco maior desta pesquisa e por fim temos análise dos símbolos, com foco voltado para a “flor”, que é importante símbolo do renascimento social, uma flor que representa a novo, a esperança e a luta.

Por último, temos o terceiro capítulo, onde são elencados pontos sobre a relação dos símbolos com a perspectiva de um novo tempo, um tempo em que a justiça e igualdade permeiam a sociedade.

Com isso, este estudo está voltado para a pesquisa sobre os questionamentos que envolvem a temática do engajamento social do sujeito lírico, e como são colocados esses sentimentos de revolta. Assim, baseado no estudo do posicionamento intelectual e das transcrições de suas ideias para a poesia que se constrói essa pesquisa.

CAPÍTULO I

***A ROSA DO POVO* E A TRAJETÓRIA DA ESCRITA POÉTICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Dadas às relações entre as obras drummondianas e as experiências sociais, podemos elencar a poesia como uma chave que abre portas para realidade distintas ao seu mundo, *A Rosa do Povo* (1945) é um exemplo claro desse elo entre a sociedade e o poeta colocando em choque posições ideológicas.

A análise da vivência social do eu que se contamina com uma sociedade dividida e assolada. Toda a longa trajetória de desenvolvimento literário do poeta está baseada em uma constante transformação do eu em sua consciência diante do mundo que o rodeia e que sua poesia se insere.

O poeta vive inserido em uma realidade de jogo entre a sua experiência e a sociedade que o cerca. Esse transitar entre dois mundos, pessoal e social, é que origina o amadurecimento na escrita, em meio a esse ambiente de constante conflito que se a busca por respostas para a existência. Segundo Said, citado por Maquêa (2005) o intelectual é alguém “dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (p.25). Assim o intelectual deve ser considerado como um indivíduo voltado para o comprometimento com aquilo que diz e com o que pensa.

O eu traduz a experiência, expondo em versos a exposição de lirismo social, experimentando a criação de uma linguagem abrangente. Existem em certos momentos a mistura da experiência da vida vivida e o do mundo literário, como se ambos se completassem com uma notória aparição de um eu que persiste lutar contra sua condição de inércia é mesmo que se deixa abandonar.

Relacionando os dois poemas com a realidade social da época de sua escrita, é possível notar a forte influência desses acontecimentos no enredo de sua escrita, as palavras transcrita no papel soam como uma válvula de escape tanto para o eu lírico como para o poeta que o escreve.

Ao se estudar a obra literária *A rosa do povo* não se pode deixar de lado o autor Carlos Drummond de Andrade, que foi de grande importância para o contexto literário da época. Ele ao usar da arte como arma de luta social acaba por travar uma outra luta, uma briga por opressão de ideias e de sentimentos.

Drummond quando escreve *A rosa do povo* encontra-se em um momento de divisão de ideias, devido ao fato de seus ideais serem contra as atrocidades cometidas contra o povo, principalmente pelo governo de Getúlio Vargas, mas sofre pela inércia diante dos fatos, já que era servidor público. O escritos drummondianos falam de formas abstratas daquilo que o incomoda.

Drummond foi naquela época um funcionário público de confiança do ministro de educação e saúde Gustavo Capanema, ficando dividido entre dois mundos.

Com o desenrolar das ações que fuzilavam as ideologias e sonhos de um sociedade, o poeta encontra na escrita e nas artes sua maneira de expressar o que sente, no entanto o dilema que o persegue ressurge, já que sua atividade profissional de funcionário público o impedia de prosseguir livremente contra as ideologias de governo.

É importante salientar que o poeta desde 1930 aparece no cenário da política brasileira, tendo como papel de destaque o cargo de chefe de gabinete de Gustavo Capanema. Sabe-se que Drummond era amigo desde a adolescência de Gustavo Capanema (1900-1985), conhecendo-o durante o colégio. Drummond começa sua carreira como funcionário na secretaria de educação de Minas Gerais, mas é Capanema o responsável por levá-lo para a área do funcionalismo público no ano de 1930, colocando-o para trabalhar no órgão recém criado, Ministério da Educação e Saúde. Com isso durante um período Drummond ocupou o cargo de chefe de gabinete do então ministro Capanema, atuando somente como um coadjuvante.

Drummond sempre rebateu as acusações de que havia trabalhado a serviço de um governo/poder, a favor de um governo que cometeu horrores contra a população, sendo alegado ser somente um burocrata. O que provavelmente seja verdade, já que o poeta era de um grupo da burguesia que necessitava de um emprego compatível com seu status social. O poeta defendia-se através dos vínculos afetivos que o ligavam a Capanema, no entanto ninguém chega a um alto cargo estatal, sem saber o que acontece em seu redor, e nem sem se render às exigências do poder.

O escritor sempre esteve ligado à política, tendo iniciado ainda quando morava em Belo Horizonte na década de 1920, quando foi redator-chefe do “Diário de Minas”, órgão declarado conservador. Em 1929 deixou o “Diário de Minas” para coordenar a campanha da Aliança Liberal no “Minas Gerais”, jornal oficial do Estado.

Pouco tempo depois Drummond acaba por se transformar em assessor mais importante do interventor Gustavo Capanema, no ano de 1934 Capanema se torna ministro, e Drummond se transfere para o Rio de Janeiro, onde se torna o então chefe de gabinete do ministro

Capanema. Com isso inicia uma importante etapa em sua vida, consolidando assim sua carreira como funcionário público, carreira essa que entrará em choque com a vida intelectual e principalmente com seu engajamento social, engajamento esse que reflete em suas obras literárias, como por exemplo, temos os dois poemas que trazem as implicações do externo (o social) na construção interna (estrutura) do poema.

Antes de iniciar os estudos sobre a temática a ser abordada nessa pesquisa, faz-se necessário uma breve exposição sobre a trajetória do poeta Carlos Drummond de Andrade, escritor dos poemas que serão explorados nessa pesquisa.

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira do Mato Dentro - MG, na data do dia 31/10/1902, pertencente a uma família de fazendeiros que estava em decadência. Drummond frequentou escolas em Belo Horizonte e também o Colégio Anchieta em Nova Friburgo - RJ com os Jesuítas, do qual foi expulso do último sobre a alegação de "insubordinação mental", já que ele pensava de uma forma diferenciada da ideologia dos padres do Colégio Anchieta. Por diversas vezes a ideologia foi censurada e oprimida, pois para a época a ideologia fugia do viés ideológico e estilístico da instituição. Retornando a Belo Horizonte, sua carreira como escritor teve início no "Diário de Minas" como colaborador, jornal que reunia alguns dos nomes locais de adeptos ao movimento modernista.

Apesar do amor pela poesia, Drummond se formou em farmácia e posteriormente fundou juntamente com outros escritores *A Revista*, mesmo sua circulação sendo breve, foi de grande importância para o modernismo em Minas Gerais. Essa parceria com Capanema foi até o ano de 1945, passando a trabalhar em seguida no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional se aposentando no serviço público em 1962. No ano de 1954 em diante, passou a colaborar como cronista no "Correio da Manhã" e a partir do início de 1969, também no "Jornal do Brasil". Podemos citar Como Sendo algumas das obras principais do poeta: *Alguma Poesia* (1930), *Brejo das Almas* (1934), *Sentimento do mundo* (1940), *A rosa do povo* (1945), *Claro Enigma* (1951), *Viola de Bolso* (1955), *Lição de Coisas* (1962), *Boitempo* (1968), *A Falta que Ama* (1968), *Caso do Vestido* (1983), *Poesia Errante* (1988), dentre outras obras que fazem parte do acervo do ilustre poeta modernista.

Com essa breve introdução sobre o escritor foi possível uma compreensão acerca de como foi a vida do poeta e seu desenvolvimento, assim notamos que desde criança já notava em Drummond uma pré-disposição para o mundo das escritas/letras. Na fase do Colégio Anchieta há uma tentativa de desenvolvimento intelectual e cultural, uma busca por suas próprias construções ideológicas, no entanto ao fugir do direcionamento do colégio é por vezes redirecionado e ao fim expulso por uma "insubordinação mental". Já era latente no

escritor o dom literário, estava nascendo ali um dos maiores escritores da fase modernista literária brasileira.

1.1- Posicionamento Sobre as Questões Sociais do Intelectual Exposto em Suas Poesias

Não se pode falar sobre de Drummond sem fazer referência ao movimento modernista literário brasileiro, em especial nessa pesquisa, em virtude dos poemas trabalhados são pertencentes à obra literária: *A Rosa do Povo*, pertencente ao poeta. Mas como pode ser definido esse movimento literário? Pode ser explicitado como sendo um marco para uma liberdade de estilo literário, uma fuga dos padrões convencionais estipulados pela literatura modelo do estrangeirismo, sua linguagem e forma de expressão se aproximava da linguagem falada, uma aproximação com a linguagem coloquial. Ocorre uma fuga, uma quebra de pré-conceitos previamente estabelecidos como sendo modelos ideias a serem desenvolvidos e criados no ambiente literário. Para CÂNDIDO (1989, p.197):

Na poesia houve fenômeno paralelo, mas diferente, que foi positivo: a tensão entre o verso (elaborado segundo as regras) e o não verso (livre, em vários sentidos). Poetas como Drummond e Murilo Mendes pareciam reduzir o verso a uma forma nova de expressão, que incorporou as qualidades da prosa e funcionou como instrumento adequado para exprimir o dilaceramento da consciência estética.

Este trabalho trata de um modelo de linguagem informal, fora dos padrões de linguagem e escrita literária idealizada como esteticamente correta na época. Através do movimento e de suas concepções constrói-se um novo estilo de expressão cultural, em que cada poeta possui sua forma, mas sempre com foco direcionado para transformar aquilo que se julgava somente acessível para elite, através de uma linguagem culta, e uma idealização de uma realidade inexistente, tratando agora as vivências sociais.

Essas inovações de escrita deram surgimento aos novos padrões culturais, rompendo com o padrão perfeito estilisticamente, na poesia, por exemplo, o verso que não estava mais submetido ao rigor métrico, e a uma forma fixa de versificação da estrofe, outro detalhe na poesia foi não ser mais necessário a rima, mas o poeta se sentia livre para escolher como proceder em sua escrita. Um dos principais objetivos dessas mudanças era para que se tivesse uma linguagem de fácil entendimento, para que assim quem estivesse lendo a obra pudesse compreender a mensagem que se quer transmitida na poesia.

Para CÂNDIDO (1989, p. 162-163), a literatura pode ser entendida como a ponte entre o poeta e a sociedade, elo entre o eu e o mundo, unindo verdades próprias, ideias e concepções.

A ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra — de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador.

É importante definir que o conceito de literatura está vinculado no campo de ideias que permeia um espaço ideológico, levando a considerar a arte como pluralidade de verdades.

Na poesia modernista, o escritor permeia entre a linha entre o pensamento e a realidade, sobre o cotidiano e a literatura, sendo um elo entre o eu e o mundo. O poeta usa de suas armas (escrita) como meio de sobrevivência em uma sociedade autoritarista e cruel. A literatura pode ser a porta que liga os dois espaços do eu com o mundo.

A vida poética de Drummond pode ser dividida em quatro fases de produção artística distinta, sendo que na primeira, temos como característica a presença do poeta *gauche*, termo esse usado pelo poeta para se definir como sendo um indivíduo à esquerda dos acontecimentos, um desajustado. Esse termo se adapta perfeitamente a primeira fase do poeta que têm o seu foco poético direcionado para uma personalidade pessimista, isolada, individual, com uma reflexão existencial.

A segunda fase do poeta é caracterizada através do social, com fortes traços do desejo do poeta em participar e tentar transformar os problemas que o mundo enfrenta, deixando assim o pessimismo e o isolamento da primeira fase de lado e atentado para a necessidade social, se enxergando como parte de um mundo conflituoso. Nessa fase fica eminente a solidariedade com os problemas do mundo.

Na terceira fase temos como predominância poesias que se interessam por temas universais como vida e morte. Já a fase final está ligada a memória, o poeta retoma temas como infância e família. Vale ressaltar que todas as fases possuem obras características do momento. Na primeira fase podemos citar *Alguma poesia* (1930), na segunda temos os livros de poemas *Sentimento do mundo* (1940) e também *A rosa do povo* (1945), já na terceira fase temos como exemplo o livro de poemas *Vida passada a limpo* (1959) e por fim na quarta fase podemos citar o livro de poesias *Boi tempo* (1968).

Podemos definir que a obra *A Rosa do Povo* pertence à segunda fase do movimento literário ocorrido entre o período de 1930 a 1945, sendo possível identificar através das criações o aproveitamento das conquistas obtidas na primeira fase e também o

aprofundamento das discussões nessa fase de ideias relacionadas às questões sociopolíticas e existenciais que alastrou pela literatura brasileira da época. Sendo esse livro considerado pela crítica literária como sendo um marco na produção poética de Drummond.

Essa pesquisa terá como enfoque dois poemas de Drummond, *A Flor e a Náusea* e *Nosso Tempo*, ambos pertencentes a obra *A rosa do povo*. Essa pesquisa buscará analisar em que dimensão está inserida a personalidade do autor e a obra que pertence à segunda fase do Modernismo, analisando questionamentos relacionados às suas inquietudes e a forma de criação de suas obras, que estão relacionadas com o cotidiano.

Drummond pode ser compreendido como um poeta que une realidade e poética, trabalhando em suas obras a vida real, as relações familiares, as amizades e conflitos tanto vinculados ao individual como ao coletivo. Segundo Antônio Candido (1995, p. 68-69):

A força poética de Drummond vem um pouco dessa falta de naturalidade, que distingue a sua obra, por exemplo, da de Manuel Bandeira. O modo espontâneo com que este fala de si, dos seus hábitos, amores, família, amigos, transformando qualquer assunto em poesia pelo simples fato de tocá-lo, talvez fosse uma aspiração profunda de Drummond, para quem o eu é uma espécie de pecado poético inevitável, em que precisa incorrer para criar, mas que o horroriza à medida que o atrai. O constrangimento (que poderia tê-lo encurralado no silêncio) só é vencido pela necessidade de tentar a expressão libertadora, através da matéria indesejada.

Por meio da escrita o homem vem buscando há tempos ser compreendido, usando a palavra como um veículo de transporte de sentimentos, ideias e concepções, tentando se posicionar diante do mundo que o rodeia. O processo da comunicação interage com o mundo externo, sendo através da comunicação e da escrita que o escritor/poeta consegue alcançar sua satisfação pessoal de relacionar-se com o mundo.

Essa pesquisa tem como intuito o estudo do sujeito lírico presente nesses poemas, e analisar de que forma eles representam a personalidade de Drummond, tendo o intuito de analisar como o poeta lidava com o período e as situações vivenciadas pela sociedade no período de regime ditatorial brasileiro. Para que isso possa se concretizar, temos como corpus de análise os poemas: *A flor e a náusea* e *Nosso tempo*, sendo necessário salientar que em determinadas partes da análise, um poema é mais discutido que o outro, mas ambos foram selecionados por representarem bem o empenho e constante luta do escritor contra o regime ditatorial. Esta luta é exposta em suas obras que tratam da vida social brasileira num período tão complicado para a realização da mesma. Assim, nosso objetivo é compreender e analisar como o eu lírico se posiciona nos poemas e até que ponto ele pode representar e transmitir os pensamentos de um poeta.

O escritor usa a poesia como uma porta de salvação de conflitos entre o eu e o mundo, a poesia de família e a poesia social se entrelaçam para proporcionar um meio de escapar de um eu, situar-se no mundo e sentir e conhecer a si e aos outros. Na busca pela resolução de um problema de identidade, na dúvida que rodeia o funcionário público, em meio à ditadura do Estado Novo da era Vargas, e do poeta engajado com os problemas sociais. Assim, com a poesia ele expressa na arte poética a percepção clara de suas ideias sociais.

A rosa do povo pode ser considerada um marco na carreira literária do poeta, sua escrita ocorreu entre os anos de 1943 a 1945 e publicado no ano de 1945, sendo composto por 55 poemas. Na obra temos a arte como instrumento de combate aos horrores e injustiças sociais da época, o poeta retrata através da arte as mazelas da II Guerra Mundial (1939-1945) e ao autoritarismo presente no Estado Novo (1937-1945), ditadura de Getúlio Vargas.

Antes de começar a análise literária dos poemas, devemos compreender a estruturação, buscando analisar como são compostas e quais os caminhos percorridos para a conexão das partes da criação de uma obra literária.

Buscando a definição de cada termo, tem-se a exposição aqui dos termos poema e poesia que são baseadas na definição do dicionário Houaiss, onde devemos compreender primeiramente que poema e poesia são termos diferentes, mas interligados. A poesia está presente no poema, se não for através de rima, ritmo, estará através da expressão de sentimentos, ideias e conceitos, pois nem sempre a poesia precisará ser interpretada através de sua formação estrutural, rima e ritmo, mas também pela expressão das concepções e posicionamento de que transcreve para o papel aquilo que se têm necessidade de expressão, isso pode ser explicado através do dicionário Houaiss (2002) que salienta ser poesia “Arte de compor ou escrever versos/ poder criativo; inspiração. / Obra em verso, poema. / o que desperta emoção, enlevo, sentimento de beleza, apreciação estética.”

Conforme definição do dicionário Houaiss a poesia pode então ser compreendida como sendo a produção artística, o ato de criar ou de fazer algo. Já o poema pode ser descrito como sendo a concretização dos sentimentos, das emoções e pensamentos poéticos, usando a palavra como matéria prima, ainda pelo viés do dicionário Houaiss o poema pode ser definido como sendo “composta em verso, algo que sugere ou evoca um poema, pela beleza, sensibilidade, etc.”, na grande maioria sua forma estruturada pode ser apresentada em forma de versos que consequentemente formam estrofes ou prosa.

Normalmente, era via de regra um poema ser apresentado em forma de versos e estrofes com rima e ritmo, no entanto, com a crescente aceitação do movimento modernista, essa forma passou a não mais ser seguida em todas as obras. No poema não se pode ser

exigido uma extensão padrão para sua escrita, isso varia de cada tema, podendo alguns ser curtos e outros longos, essa métrica irá partir somente do autor, não definida por conceitos previamente estabelecidos.

Podemos afirmar que é através do poema que o autor consegue a transcrição de suas emoções, de seus sentimentos, de suas angústias, também consegue fazendo uso da obra literária, expor e argumentar o momento social vivido posicionar-se diante das mais variadas situações sociais e emocionais que o cerca.

A flor e a náusea é um poema que traz uma linguagem poética apresentada através das palavras simples e descomplicadas, sem maiores vocábulos léxico-sintático, que afasta a poesia do cotidiano das pessoas, distanciando de um vocábulo popular. Drummond evita em suas poesias esse distanciamento do povo, fica evidente essa aproximação nos poemas do autor como é o caso de *A flor e a náusea*. Tem-se a busca por uma aproximação com o coletivo, retratando o materialismo e a falta de humanidade presentes na sociedade do Estado Novo, para expressar seu olhar sobre essa situação o poeta faz uso ante a uma linguagem coloquial de fácil entendimento, sem complexos léxico-sintáticos.

Quanto ao aspecto estrutural o poeta transmite suas emoções através do plano formal composto por nove estrofes, de variados versos. Na primeira, segunda e sexta estrofes temos quintilhas, ou seja, estrofes com cinco versos. Já na terceira e oitava estrofes são compostas de quadras. A quarta e quinta são formadas de sete versos. E ao final temos na sétima estrofe e na nona, a formação composta por uma sextilha.

Nos versos de *A flor e a náusea* temos poemas sem apresentação de rimas. Pode se notar que Drummond empregou neste poema os versos livres, uma das características do movimento modernista. Nesse movimento são muitas as características, mas para a compreensão da obra drummondiana analisada nessa pesquisa é necessário dar enfoque a duas características, em especial à incorporação do cotidiano e a linguagem coloquial.

Já o poema *Nosso tempo*, de uma forma introdutória, já que posteriormente lhe será dado a devida observação e análise aprofundada, pode ser definido previamente como sendo um poema composto por oito blocos, com a presença de versificações irregulares, obtém pela simbologia a coisificação por imagens surrealistas: “Tempo de divisas, / tempo de gente cortada / e mãos viajando sem braços, / obscenos gestos avulsos.” Assim com formas variadas de estruturação, sem um paralelo de rimas, sem uma versificação alinhada, *Nosso tempo* traz a coisificação da vida real de uma sociedade, que sofre com os horrores da época.

Sendo considerada uma das primeiras obras maduras de Drummond em *A Rosa do povo* o autor faz o uso de lirismo social e do modernismo para expor e a situação da sociedade

diante dos acontecimentos. A obra é sombria, marcada pela passagem de época escura e de medo, vivida não somente pelo indivíduo, mas o coletivo, captando para a poética a agonia, o sofrimento e incertezas de um povo.

A segunda fase do modernismo brasileiro vem com uma valorização do cotidiano e pode ser entendido como sendo uma das maiores conquistas do modernismo. Uma extrema valorização da vida em sociedade de forma normalística abriu as portas para o mundo literário. O cotidiano e a busca por novos sentidos fazem com que o artista se liberte de uma vida burguesa, de uma vida voltada somente para as indagações de sentidos para a transposição de captação de insatisfação social e não somente a pessoal, deixando de lado o eu e se aproximando do mundo.

Essa breve biografia do poeta, que trouxemos logo no início, tem uma importância para a compreensão da trajetória e as constantes lutas enfrentadas pelo poeta, avaliando como o movimento político da época influenciou na poesia do momento modernista e da cultura. Esse breve percurso pela trajetória de vida do poeta faz-se necessário para compreender como Drummond foi inserido no funcionalismo público e avaliar como foi a sua passagem pelo período conturbado da sociedade.

Para COELHO (1976, p.57), a poesia é uma válvula de escape para o poeta, sendo através da escrita a forma de expressar suas emoções, suas dúvidas e reações diante de fatos sociais:

(...) mostra a poesia como uma essência inexpugnável (ilha) que as palavras rondam, no intuito de possuir. Transformando essa definição poética em linguagem referencial, teremos então: poesia é o fenômeno criador que transforma em linguagem as emoções, os impulsos ou reações do poeta em face de determinada realidade.

O período entre 1943 a 1945, época que foi escrito os poemas pertencentes à obra *A Rosa do Povo*, foi a fase final trágica da II Guerra Mundial, marcados pelas mortes e horrores com o povo, correspondente a fase em que os nazistas começavam a serem derrotados, mas já se tinha um povo marcado pela violência e o sofrimento, também nesse período o Brasil se encontrava no período do Estado Novo, início do período ditatorial de Getúlio Vargas, que instalou no país um regime de censura e perseguições aos opositores de seus ideais.

No período em que Drummond escreveu *A rosa do povo*, os artistas, de uma forma geral, viviam sobre constante repressão por parte do governo autoritário de Getúlio Vargas, que reprimia em todos os sentidos qualquer forma de expressão esquerdista ao seu modo de

governar. Houve muitos artistas que foram desfavoráveis ao modo como o povo era sucumbido durante o Regime militar, sofrendo todas as formas de mazelas causadas pelo autoritarismo.

Os artistas da esquerda usavam de sua arte como arma de luta, de meio de escape para denúncia, para a publicação de atos que somente assolavam a democracia e a sociedade. Para Said, citado por Maquêa (2005) :

O intelectual é alguém que precisa tomar posição na sociedade, sendo coerente com esses princípios básicos da justiça humana, sem medo de perder privilégios, cargos, honrarias. Por isso, falar a verdade ao poder não é coisa fácil, mas também não é “idealismo panglossiano: é pesar cuidadosamente as alternativas, escolher a certa e então representá-la de maneira inteligente, onde possa fazer o maior bem e causar a mudança correta” Said citado por Maquêa (2005).

Todo ser humano lida de formas diferentes diante de problemas do cotidiano, no entanto é sempre através da linguagem que ele se expressa, essa forma de expressão pode ser falada, escrita, cantada, isso somente deve variar conforme a pessoa, no poema essa expressão de pensamentos é transmitida pela escrita. Drummond usa da escrita para expressar suas ideias e conceitos, é através dessa arte que o poeta se faz útil para uma sociedade massacrada por um regime militar, sendo por meio do poema que o autor consegue transcrever o que sente e também pode o poeta expor o sofrimento, as angústias que assolam a sociedade, usando o poema como um meio de comunicação social.

Para AMARAL et al (2008) “O homem é um ser político e social, portanto, a sociedade é formada por múltiplos e divergentes valores. Essa capacidade de comunicação torna-se ferramenta fundamental para que ele possa relacionar-se com o mundo.” Toda a forma de expressão pode ser analisada como uma arma de grande valia para as lutas sociais, os artistas mesmo com a opressão faziam uso significativo dessas armas literárias.

Mário de Andrade, outro poeta contemporâneo de Drummond, pode ser um desses exemplos de luta e inconformismo como o regime militar e com os horrores causados ao povo, o poeta utilizava a escrita/literatura para denunciar as discordâncias com o sofrimento do povo. Não se diferenciando de Mário de Andrade muitos escritores fizeram de sua arte um meio de indignação e resposta ao poderio autoritarista. JUTGLA (2008, p. 16) expõe que “no comportamento de ambos os escritores, percebemos um controle concreto da vida social e artística no período de 1930 a 1945, perpassado por uma intenção governamental de integrar a intelectualidade aos quadros do Estado varguista”.

No engajamento intelectual do poeta suas “armas” era a escrita, enquanto que para outros artistas: músicos, atores, dentre outros, tinha como forma de luta as manifestações artísticas e culturais, assim, Drummond foi um intelectual que usou de suas armas para defender seus ideais e lutar por uma sociedade justa e igualitária.

Segundo TALARICO (2006) “As envoltivas “ondas de carinho” resultam da “transformação” dos objetos cotidianos em objetos poéticos. Essa equivalência não vem do mimetismo imediato, mas da transposição orgânica de sentidos, mediada”. Assim obtém o resultado da íntima relação de poeta e sociedade uma transformação dos atos cotidianos em poéticos. Essa relação não vem de imediato, mas da transposição de sentidos mediados pela convivência, o cotidiano apresenta sua influência através do movimento modernista, que faz a junção do social e do poético.

CAPÍTULO II

AS RELAÇÕES ENTRE O EU E O MUNDO NA POESIA DE DRUMMOND

A FLOR E A NÁUSEA

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.

Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralise os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o
ódio. (Drummond, 2000 p.15)

Desde o início dos tempos modernos é possível perceber as constantes mudanças sociais, diante de vários artifícios que se apresentam às pessoas, como a tecnologia, informação atualizada, avanços na ciência, dentre outros. Com esses sinais de um mundo globalizado, temos a origem da falta de tempo e da constante diminuição do contato humano. O ser humano está vivendo em uma posição de inibição, fechado para a sociedade que o cerca, deixando à mostra as fragilidades humanas. Em determinados momentos aparenta uma inércia e desinteresse pelo que acontece a sua volta, aversão por aquilo que atinge o mundo exterior ao qual ele é pertencente, se mostrando em determinados momentos em uma busca por isolamento, contemplação de coisas superficiais, e uma busca incansável pela reflexão sobre sua vida e sua história, isolando-se do mundo exterior.

A rosa do povo é uma obra que foi escrita em meio a um contexto social conturbado devido às questões sociais e políticas, tanto na Europa quanto no Brasil, no mundo acontecia a Segunda Guerra Mundial, e no Brasil, a ditadura como consequência do Estado Novo imposto por Getúlio Vargas. Assim, a obra adquire um poder de representação e denúncia sobre uma sociedade dilacerada por esses acontecimentos. Drummond traz em *A rosa do povo* acontecimentos que ocasionavam medo, violência física e mental, mortes, melancolias, dor, sofrimento. Os poemas exprimem desde contextos históricos e sociais até mesmo as relações entre o eu o mundo, expondo a relação de conflito desse eu com o mundo em que se encontra inserido em seu tempo poético em um espaço modernista.

A poesia é uma válvula de escape para a expressão de pensamentos e ideais, podendo ser utilizada como uma forma de ligação do autor com o mundo exterior que o rodeia, sendo instrumento de luta. Assim tenta alcançar a sociedade através de cada linha que escreve, o poema liga escritor-poema-sociedade.

É baseado nessa ligação tão próxima entre realidades do escritor e sociedade que se constrói o mundo literário, assim não foi diferente com Drummond que liga esses dois universos tão distintos e ao mesmo tempo tão próximos. Então para aprofundar em nossa

compreensão literária sobre Drummond e seu tempo é que se faz necessário adentrar no mundo de sua escrita.

Assim vamos discutir primeiramente a formação do poema *A flor e a náusea*, e consequentemente como o eu lírico se apresenta, apontando a ocorrência da mistura entre tempo existencial do poeta e seu tempo social “O tempo pobre, o poeta pobre/fundem-se no mesmo impasse.”.

Logo no título do poema *A flor e a náusea* é possível notar a presença do eu lírico, que ao se dar conta dos erros humanos, acaba sendo induzido a náusea pelos resultados oriundos dessas atitudes tomadas contra a sociedade. Assim esse enjoo se torna um reflexo da indignação, de sua revolta, o eu lírico expõe essas angústias que o incomoda. *A flor e a náusea* coloca frente a frente o idealismo de uma política social e a mesquinhagem humana diante do sofrimento e das ações injustas cometidas contra uma sociedade abandonada. Coloca a mostra ações políticas que afetam diretamente um povo que vive assolado pelo medo, pela angústia, pelo sofrimento, uma sociedade que sofre com a política da Ditadura Militar da Era Vargas sem forças para lutar contra essas ações.

A expressão desse eu lírico em primeira pessoa no poema *A flor e a náusea*, tendo como linguagem poética simples. Formado e estruturado de uma forma simples e descomplicada para que se possa acessar a mais variadas classes sociais. O poema é composto sem presunções léxico-sintáticos, com vocabulário simples, mas impactante, assim o autor se aproxima de um discurso usado no cotidiano social, aumentando o elo entre quem está escrevendo e com quem está lendo, não existe a preocupação em decifrar uma linguagem em códigos estilísticos, fora do contexto vivenciado pela grande maioria da sociedade, acontecendo simplesmente uma transmissão de mensagens carregada de emoções e verdades próprias, compreendidas por todos. O texto literário deve ter sentido, deve ser vivenciado em sua integridade, devendo ser usado como uma arma de combate em favor das lutas contra as desigualdades que assolam uma sociedade esfacelada.

Em *A Flor e a náusea* tem-se a transmissão de dor, de sofrimento, de angústia, com a escrita se consegue traduzir a dor e a miséria do mundo moderno, a falta de humanidade, a importância dada para o materialismo, sem a atenção devida para um ser humano e suas necessidades. Para o eu é essencial que saibam da sua solidariedade e do seu sofrimento, e isso é transmitido por sua emoção, assim a poesia se transforma em objeto de luta, um elo entre ele e o mundo que sofre.

Na poesia de Drummond temos um eu-lírico que se encontra imerso em um mundo que o sufoca, mundo esse que tudo é comparado a mercadorias: “Preso à minha classe e a

algumas roupas, /vou de branco pela rua cinzenta. /Melancolias, mercadorias espreitam-me". Tudo é comparado à matéria de consumo, como uma mercadoria, sentimentos, ações, desejos, tudo mercadoria. Em meio a essas sensações, diante desse sentimento de angústia, a existência humana corre sério risco de se tornar inútil, sem significado, assim justificando a náusea do eu-lírico, "Devo seguir até o enjôo?", o mal-estar sentido diante da inércia, da situação vivenciada. Tudo se acaba por se tornar vil, baixo, marcado "O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera." Assim, o eu lírico manifesta os desgostos para com a situação vivenciada no mundo atual e no Brasil, tem-se uma onda de afirmações de descrédito em relação ao cotidiano. Sendo compreendido como um tempo onde é de espera, com poeta pobre, coisas tristes, onde homens são menos livres, o tédio o consome assim, tudo direciona para o ódio, que esse eu-lírico julga ser a melhor parte de si.

É nesse estado de espera que ele se questiona sobre revoltar-se ou não. Mas a esperança ainda perdura de forma fraca, mas existente. O eu está imerso em um mundo em que o sufoca, onde o ser humano é igualado ao uma simples mercadoria, sufocado em meio a essa insatisfação com o mundo, com a angústia a existência para ele se mostra em risco a de inutilidade, a insignificância, outra possível justificativa para a náusea causada, pelo mal-estar sentido, conforme o trecho do poema "O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera." tudo para ele se torna vil, baixo.

Através das manifestações de sentimentos que esses sentimentos se exteriorizam, saindo do campo do eu interior a comoção e solidariedade para com uma sociedade que vivencia as mazelas de uma época.

É possível notar em sua primeira estrofe um eu que não está no mundo que o cerca, sendo possível que esses mundos podem estar em certos momentos unidos e em outros separados, há uma predominância da insatisfação e desencanto na primeira estrofe do poema: "Preso à minha classe e a algumas roupas, vou de branco pela rua cinzenta".

"Melancolias, mercadorias, espreitam-me." Nessa parte do poema fica evidente a separação e dúvida: "Posso, sem armas, revoltar-me?" dúvida essa que permeia entre o participar de um mundo alheio ao seu e receber consigo seus problemas, ou continuar isolado em seu próprio mundo, criado para lhe proteger de males que o colocam em estado de nojo e vômito.

No poema temos a descrição de um eu que vai de "branco", pela rua "cinzenta", um apagamento social descrito por suas roupas. Essa ausência de uma cor forte pode ser característica de um vazio sentido pelo eu lírico, como se observasse as coisas acontecerem ao seu redor e ele continuasse de forma inerte e impassível, se colocando na posição somente de

um mero observador. A primeira estrofe traz esse nítido vazio do eu, como se ele ainda estivesse em dúvida de como lidar em meio ao caos social que o rodeia, assim notamos na primeira estrofe:

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

O eu lírico se encontra diante de uma situação sócio-política de insatisfação, e diante da impotência de dar origem a algo que pudesse ser usado como um alerta, como uma forma de posicionamento contra o regime aplicado, como um grito de alerta contra as guerras sociais que afetam principalmente a população menos favorecida: “Não, o tempo não chegou de completa justiça. /O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera. /O tempo pobre, o poeta pobre fundem-se no mesmo impasse.” Essa sensação de impotência que toma conta desse eu é caracterizador de ideias de reformas e novos rumos.

O que mais se percebe é um estado de indignação diante de um “estar no mundo” inconformado: “Porém meu ódio é o melhor de mim. /Com ele me salvo/ e dou a poucos uma esperança mínima” a esperança de renova pelo ódio/revolta. Assim ao se perguntar se poderia revoltar-se demonstra uma dúvida, um ceticismo, diante de como lutar por uma sociedade que ele mesmo não tem a certeza de merecimento, no entanto mais esse eu se renova e novos ideais de lutas surgem.

Assim ao longo do poema *A flor e a náusea* o eu lírico apresenta-se um senso crítico sobre as ações do governo e da sociedade da época: “Todos os homens voltam para casa. /Estão menos livres mas levam jornais/e soletram o mundo, sabendo que o perde”, crítico em suas opiniões sobre seu meio, até mesmo usa da ironia para criticar. “Vomitare este tédio sobre a cidade. /Quarenta anos e nenhum problema/resolvido, sequer colocado.” Esse pensando do eu lírico é herdado do autor, Drummond desde antes já fazia uma autocrítica ao se nomear um *gauche*, esse termo pode significar torto, sem jeito, desajeitado, de esquerda. Sendo dessa forma torta que essa voz lírica usa das figuras de linguagem para dizer e transmitir de forma implícita seus pensamentos.

Com a não idealização e a constante busca pela ligação entre o eu e o mundo, as dúvidas e incertezas sobre o novo, o eu lírico expõe abordagens poéticas sobre as realidades vivenciadas além das paredes de casa:

Crimes da terra, como perdoá-los?
 Tomei parte em muitos, outros escondi.
 Alguns achei belos, foram publicados.
 Crimes suaves, que ajudam a viver.
 Ração diária de erro, distribuída em casa.
 Os ferozes padeiros do mal.
 Os ferozes leiteiros do mal.

A poesia surge como uma válvula de escape na militância dos problemas sociais, sendo um objeto que propicia a possibilidade de resgate da posição de emparedamento do eu diante dos fatos e da existência de seu medo, para que ao ser encarado possa reagir diante do entendimento de que faça parte de uma classe responsável pelas mazelas que afetam a sociedade, para isso ocorre uma união de sua condição individual e social em um só.

2.1- Surge a Esperança de Renovação

Com o nascimento de uma flor nasce uma nova esperança, que aparece em meio a um ambiente de transição/rua. Esse nascimento ocorre em um tempo em que a insegurança, exploração e acontecimentos oprimem uma sociedade, em um tempo sem perspectivas de futuro e coberto por incertezas, é em meio ao caos que nasce uma flor, feia, mas uma flor, assim um acontecimento simples torna-se símbolo para uma revolução social. É através desse nascimento, desse ato que o eu lírico traz o questionamento sobre as atitudes simples de cada indivíduo, que podem refazer um novo mundo, lutando contra a vida sofrida de um tempo de náusea. É através dessa flor, que se tem depositado uma crença em soluções para os problemas sociais, oriundas de sentimentos puros como uma flor, almejando soluções das mazelas que permeiam o cotidiano de quem vive em meio ao caos da Ditadura Militar. O nascimento da flor é o símbolo dessa transformação, de mudanças, do rompimento de barreiras:

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
 e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico
 É feia. Mas é uma flor. Furo o asfalto, o tédio, o nojo e o
 ódio.

O nascimento da flor pode ser compreendido como um renascimento de uma sociedade renovada, de um mundo novo, um mundo que a náusea e o enjoo não estejam presentes, um mundo justo para com todos. Essa flor que surge no meio da rua é a relação

metafórica de que toda mudança tem que partir dos maiores interessados, a sociedade, ao colocar o nascimento dessa flor no meio da rua, onde passam carros, pessoas, essa flor que rompe o asfalto e desabrocha traz a necessidade social de resistência humana diante das mazelas, diante de um tempo marcado por dor e sofrimento, apontando para uma sociedade sua obrigatoriedade de luta, mostrando que mesmo em meio aos maiores desafios é do povo que se começa a mudança, que essa sociedade não deve ficar inerte aos desmandos de quem detém poder.

Para adentrar nesse novo mundo, se idealiza uma saída para essa sufocamento sócio existencial do eu, essa fuga é apontada através do símbolo “muro”, assim é dado sinais claros de que novas esperanças sobre mudanças sociais é de fato acreditado, tanto que na última estrofe ocorre o anúncio, “Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico/É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o/ódio.” É o anúncio do nascimento da flor, feia, mas símbolo do nascer de um mundo novo. Dentre as compreensões sobre o nascimento da flor no meio da rua, podemos associar a representação do desabrochar de um pensamento solidário e consciente, ciente de que o eu e o mundo devem possuir uma relação de amplitude e solidariedade, já que ambos lutam por equilíbrio social.

Conforme CANDIDO (1995, p.78) em seu artigo sobre as inquietudes na poesia de Drummond salienta que no poema *A Flor e a náusea* tanto a condição individual e a condição social possuem grande importância sobre a construção desse eu lírico, fazendo que o mesmo se sinta responsável por um mundo mal feito, já que está ligado a uma classe opressora. Para o pesquisador a flor surge como uma

Ideal de redenção, que rompe barreiras. Assim para CANDIDO (1995, p.78) a poesia trabalha como um meio de conquista, superando os obstáculos do mundo, da incomunicabilidade. Assim essa poesia se mostra em uma função redentora, voltada para a luta de construção de uma nova concepção social. Ela possibilita um alinhamento entre os dois mundos, o individual e o social. O eu lírico está em um mundo individualista, mas que sente a necessidade de conectar com as dores humanas, mas encontra dificuldades, assim a escrita de um poema pode ser entendido como sendo a ponte entre realidade, entre mundos distintos que se interligam.

Assim o eu lírico transmite a angústia e a busca por transformação da relação com a sociedade, se aproximando das dificuldades sociais. A esperança em tempos novos pode ter essa significância de transformação, de fé nas ideias e lutas, inclusive em lutas não somente externas, mas interiores, “Ao menino de 1918 chamavam anarquista. /Porém meu ódio é o melhor de mim. /Com ele me salvo/e dou a poucos uma esperança mínima.” Fica evidente a

tentativa de aniquilamento de ideias e sufocamento de pensamentos por aqueles que detêm “poder”, mas em meio ao caos é que a esperança se renova.

Não é visível nesse poema a dramatização, um escrita carregada de emoção, mas de uma afetividade contida, se diferenciando da fase da literatura romântica em que era notória a presença do melodramático, exagero sentimental, poesias rodeadas de emoções descontroladas, essa dureza, e até mesmo a inércia em que está imerso o asfalto podem expressar uma marca da poesia drummondiana, que não pode ser julgada como sendo insensíveis as problemáticas sociais, mas que pode ser rompida.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furo o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

O espanto pelo nascimento da flor somente é sentido pelo eu-lírico de forma expressiva, para muitos é somente mais uma flor que nasce, assim o eu precisa garantir que aquela flor cresça, pois seu desabrochar é importante, é através do crescimento de ideias e pensamentos que se mudará a realidade vivenciada. Esse nascimento coloca a parte as incertezas, dando espaço para um mundo novo.

2.2- A Relação Entre os Poemas *a Flor e Náusea* e *Nosso Tempo*

NOSSO TEMPO
A Oswaldo Alves

I
Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra.

Visito os fatos, não te encontro.
Onde te ocultas, precária síntese,
penhor de meu sono, luz
dormindo acesa na varanda?
Miúdas certezas de empréstimo, nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me

a cidade dos homens completos.

Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir.

//

Este é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços,
obscenos gestos avulsos.

Mudou-se a rua da infância.
E o vestido vermelho
vermelho
cobre a nudez do amor,
ao relento, no vale.

Símbolos obscuros se multiplicam.
Guerra, verdade, flores?
Dos laboratórios platônicos mobilizados
vem um sopro que cresta as faces
e dissipa, na praia, as palavras.

A escuridão estende-se mas não elimina
o sucedâneo da estrela nas mãos.
Certas partes de nós como brilham! São unhas,
anéis, pérolas, cigarros, lanternas,
são partes mais íntimas,
a pulsação, o ofego,
e o ar da noite é o estritamente necessário
para continuar, e continuamos.

///

E continuamos. É tempo de muletas.
Tempo de mortos faladores
e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,
mas ainda é tempo de viver e contar.
Certas histórias não se perderam.
Conheço bem esta casa,
pela direita entra-se, pela esquerda sobe-se,
a sala grande conduz a quartos terríveis,
como o do enterro que não foi feito, do corpo esquecido na
[mesa.
conduz à copa de frutas ácidas,
ao claro jardim central, à água
que goteja e segreda
o incesto, a bênção, a partida,
conduz às celas fechadas, que contêm:
papéis?
crimes?

moedas?

ó conta, velha preta, ó jornalista, poeta, pequeno historiador
[urbano,
ó surdo-mudo, depositário de meus desfalecimentos, abre-te e
[conta,
moça presa, na memória, velho aleijado, baratas dos arquivos,
[portas rangentes, solidão e asco,
pessoas e coisas enigmáticas, contai,
capa de poeira dos pianos desmantelados, contai;
velhos selos do imperador, aparelhos de porcelana partidos,
[contai;
ossos na rua, fragmentos de jornal, colchetes no chão da
[costureira, luto no braço, pombas, cães errantes,
[animais caçados, contai.
Tudo tão difícil depois que vos calastes...
E muitos de vós nunca se abriram.

IV

É tempo de meio silêncio,
de boca gelada e murmúrio,
palavra indireta, aviso
na esquina. Tempo de cinco sentidos
num só. O espião janta conosco.
É tempo de cortinas pardas,
de céu neutro, política
na maçã. no santo, no gozo,
amor e desamor, cólera
branda, gim com água tônica,
olhos pintados,
dentes de vidro,
grotesca língua torcida.
A isso chamamos: balanço.

No beco,
apenas um muro,
sobre ele a policia.
No céu da propaganda
aves anunciam
a glória.
No quarto,
irrisão e três colarinhos sujos.

V

Escuta a hora formidável do almoço
na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.
As bocas sugam um rio de carne, legumes e tortas vitaminosas.
Salta depressa do mar a bandeja de peixes argênteos!
Os subterrâneos da fome choram caldo de sopa,
olhos líquidos de cão através do vidro devoram teu osso.
Come, braço mecânico, alimenta-te, mao de papel, é tempo de
[comida,
mais tarde será o de amor.
Lentamente os escritórios se recuperam, e os negócios, forma
[indecisa, evoluem.

O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.
Multidões que o cruzam não vêem. É sem cor e sem cheiro.
Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,
vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,
toma conta de tua alma e dela extrai uma porcentagem.

Escuta a hora espandongada da volta.
Homem depois de homem, mulher, criança, homem,
roupa, cigarro, chapéu, roupa, roupa, roupa,
homem, homem, mulher, homem, mulher, roupa, homem
imaginam esperar qualquer coisa,
e se quedam mudos, escoam-se passo a passo, sentam-se,
últimos servos do negócio, imaginam voltar para casa,
já noite, entre muros apagados, numa suposta cidade,
[imaginam.

Escuta a pequena hora noturna de compensação, leituras,
[apelo ao cassino, passeio na praia,
o corpo ao lado do corpo, afinal distendido,
com as calças despido-o incômodo pensamento de escravo,
escuta o corpo ranger, enlaçar, refluir,
errar em objetos remotos e, sob eles soterrado sem dor,
confiar-se ao que-bem-me-importa
do sono.

Escuta o horrível emprego do dia
em todos os países de fala humana,
a falsificação das palavras pingando nos jornais,
o mundo irreal dos cartórios onde a propriedade é um bolo
[com flores,
os bancos triturando suavemente o pescoço do açúcar,
a constelação das formigas e usuários,
a ma poesia, o mau romance,
os frágeis que se entregam à proteção do basilisco,
o homem feio, de mortal feiúra,
passeando de bote
num sinistro crepúsculo de sábado.

VI

Nos porões da família,
orquídeas e opções
de compra e desquite.
A gravidez elétrica
já não traz delíquios.
Crianças alérgicas
trocam-se; reformam-se.
Há uma implacável
guerra às baratas.
Contam-se histórias
por correspondência.
A mesa reúne
um copo, uma faca,
e a cama devora
tua solidão.
Salva-se a honra
e a herança do gado.

VII

Ou não se salva, e é o mesmo. Há soluções, há bálsamos
 para cada hora e dor. Há fortes bálsamos,
 dores de classe, de sangrenta fúria
 e plácido rosto. E há mínimos
 bálsamos, recalçadas dores ignóbeis,
 lesões que nenhum governo autoriza,
 não obstante doem,
 melancolias insubornáveis,
 ira, reprovação, desgosto
 desse chapéu velho, da rua lodosa, do Estado.
 Há o pranto no teatro,
 no palco? no público? nas poltronas?
 há sobretudo o pranto no teatro,
 já tarde, já confuso,
 ele embacia as luzes, se engolfa no linóleo,
 vai minar nos armazéns, nos becos coloniais onde passeiam
 [ratos noturnos,
 vai molhar, na roça madura, o milho ondulante,
 e secar ao sol, em poça amarga.
 E dentro do pranto minha face trocista,
 meu olho que ri e despreza»
 minha repugnância total por vosso lirismo deteriorado,
 que polui a essência mesma dos diamantes.

VII

O poeta
 declina de toda responsabilidade
 na marcha do mundo capitalista
 e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas
 promete ajudar
 & destruí-lo
 como uma pedreira, uma floresta,
 um verme. (Drummond, 2000, p.29)

No poema *Nosso tempo*, notamos um eu lírico que está em constante questionamento sobre o mundo diferente do presente no poema *A flor e náusea* em que o eu se mostrava meio distanciado, em *Nosso tempo* a inquietude e inércia o incomodam, permeando pelo poema um sentimento de revolta, de posicionamento claro sobre contrariedade e vontade de expor todos seus pensamentos dando ênfase ao comportamento humano. Como nota-se no canto I do poema.

Em vão percorremos volumes,
 viajamos e nos colorimos.
 A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
 Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
 As leis não bastam. Os lírios não nascem
 da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
 na pedra.

Visito os fatos, não te encontro.
 Onde te ocultas, precária síntese,
 penhor de meu sono, luz
 dormindo acesa na varanda?

Míúdas certezas de empréstimo, nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me
a cidade dos homens completos.

Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir

O eu manifesta-se no mundo dentro de uma indefinição de coisas, um materialismo é exposto de forma crua “Em vão me tento explicar, os muros são surdos. /Sob a pele das palavras há cifras e códigos”, deixando à tona uma situação de anos de inércia “Quarenta anos e nenhum problema/resolvido, sequer colocado.” Essa precariedade de humanização nos leva a questionar essa sociedade que se apresenta, onde objetos e modo de vida podem se confundir com anseios e sentimentos, assim tem-se um eu indefinido/confuso tentando entender esse cotidiano desmantelado.

No entanto podemos elenca um dos pontos em comum com o poema *A flor e a náusea* presentes nos quinto e sexto versos da primeira estrofe do canto I, onde temos “Os lírios não nascem/da lei” assim pode ser interpretado como um indicativo de afirmar que as ações necessárias para mudar uma realidade não vêm dos que detém poder e sim das massas, de uma sociedade que saiba o que deseja, que não somente deve aceitar o que lhes ordena, o povo é que decide seu destino, ao dizer que seu nome escreve no tumulto, está fazendo menção a lutas por ideais, em *A flor e a náusea* temos como símbolo de resistência a flor que brota em meio ao asfalto, em meio aos conflitos, que lentamente vai se posicionando em meio ao caos instalado pelo regime militar, da mesma forma em *Nosso tempo*, a renovação, as lutas não surgem do poder dirigente, mas sim da sociedade que deve lutar pelo que lhe convêm.

Temos um eu presente nos poemas que está em constante questionamento sobre sua existência no mundo que o cerca, com foco para voltado para as razões que levam um povo a se dividir, entre sentimentos e objetos, entre bem social ou particular, que pelo medo se esconde em seu mundo particular. Deixando que a filosofia popular de cada um por si seja colocado verdadeiramente em uso.

O poema *Nosso tempo* relata uma sociedade que está perdida, onde a inocência perdeu seu espaço para um materialismo imposto por um mundo que está assolado por confrontos sem sentido e que somente a sociedade sofre.

Baseando nesse questionamento sobre o avanço do materialismo, desse crescente avanço urbano industrial que se apresenta para a sociedade da época, que parece dar força ao individualismo, o eu lírico vem incentivar a procura por sentimentos íntimos que dão sentido a pulsação da vida, para que assim possa entender que mesmo com tantas atrocidades, tantas mazelas humanas, a vida deve continuar, mas sempre devendo pensar no próximo como bem maior, e não somente em si mesmo como maior ou único a ser beneficiado com melhoras.

Logo no título do poema *Nosso tempo* o eu lírico nos faz refletir que mesmo sendo injusto e dividido a vida continua, devendo prosseguir e que cada um nós somos responsáveis pela construção de nosso tempo e espaço. Essa voz lírica vem questionando ao longo do poema o mundo e seu espaço, procurando se colocar diante de uma sociedade dividida pelo medo e pelo desejo de “tempos novos”, de um cotidiano social esfacelado. O eu nos apresenta uma concepção de reparação social, dando a entender que é possível o nascimento de um novo tempo, um nosso tempo.

Mostrando uma sociedade, mas se mantém inerte, distante de seus conflitos. “Calo-me, espero, decifro. /As coisas talvez melhorem. /São tão fortes as coisas!” Nesses versos esse estado de inércia, a espera por mudanças sem lutas é evidente. Ao se deparar com a realidade de que para renovar é preciso luta o eu aceita sua condição social e sai do ponto de parada para buscar novas ideias, novos rumos, pois é nosso tempo.

CAPITULO III

A ESPERANÇA DE RENOVAÇÃO

A escrita literária usa de artifícios para mostrar quais as ideias que movem convicções e pensamentos que o autor tem a respeito de problemas ou situações em que se encontra uma sociedade, buscando através da escrita expressar aquilo que o atormenta e que os aflige. No poema *A flor e a náusea* e também no poema *Nosso tempo* existe em ambos de Drummond o diálogo entre o mundo interior e exterior não foge a essa regra, sendo a simbologia um aliada nessa expressão de ideias e conceitos, através do uso de metáforas que se obtém uma porta de escape para expressar melancolias que afligem e que atormentam, esse uso de metáforas vem para auxiliar uma melhor compreensão daquilo que ainda não foi dito e escrito.

Pensando nessa vertente é que se deve compreender a simbologia literária exposta nos poemas de Drummond está em uma posição de relevante papel para o desenrolar de conceitos sociais que levam a compreender essa significação de sentimento que vem exposto através da poesia. Assim podemos caracterizar esses símbolos como uma inferência textual, ou seja, aquilo que não foi dito/escrito em sua totalidade, mas se pode notar naquilo se escreveu, através desses símbolos.

De uma forma bem direta podemos definir a Simbologia como toda transposição daquilo que não foi escrito, mas sentido, vivenciado. CANDIDO (2006) define que “O símbolo é antes um princípio, uma tendência geral do poema, resultante do jogo de alterações particulares de sentido das palavras e da grande alteração fundamental: o intuito poético, a intenção que preside à fatura.” Sendo uma parte fundamental na interpretação, podendo ser caracterizada como uma arte que possui como finalidade a criação de representação simbólica. É notório que em se tratando de literatura os símbolos possuem função de expor a expressão dos mitos, crenças, dos valores, de fatos, ideias, ou até mesmo de situações, de uma sociedade, ou seja, essa arte literária da simbologia pode ser tratada como uma forma encontrada de representar uma sociedade e seus anseios e ideais, colocar a mostrar realidades através de palavras.

Ao símbolo deve se dar a devida importância, pois sempre haverá um contexto maior do que está exposto na escrita da palavra, envolvendo um contexto de uma história ou de um poema. Um símbolo literário dentro de uma obra pode ser determinante para a compreensão do sentimento, de ideias, de conceitos que delimitam a formação da obra. Para CANDIDO (2006), “a importância do valor simbólico da palavra é um dos postulados da psicologia

moderna, mostrando que a palavra não é apenas signo arbitrário (como ensina a linguística), mas invólucro simbólico de um sentido que radica em camadas profundas do espírito.” Cada símbolo possuem sua importância, podendo ser específico ao contexto da obra ou mais difundido, associando situação cultural a universal. Como exemplo temos a rosa que pode ser vista como um sinal de romance, de amor no mundo inteiro, em nosso contexto é a representação de um renascimento.

Em muitas obras literárias é possível constatar que os símbolos e seus significados são partes integrantes da vida do homem. Podendo ser notado a utilização de símbolos desde a pré-história da humanidade, como objeto de comunicação entre tribos, mesmo antes de saber escrever já usava dos símbolos para se comunicar, sendo caracterizados principalmente por desenhos em pedras, e dentre outros artifícios que auxiliavam na comunicação entre as pessoas daquela época. Assim desde então os símbolos vem contribuindo para a compreensão de pensamentos humanos, podendo ser considerando em determinadas épocas como um importante instrumento para a comunicação em sociedade.

Nas obras literárias, esses símbolos aparecem como um instrumento literário, podendo guardar significados mais ocultos, que são revelados por aqueles que tem um domínio da linguagem, por aquele que consegue interpretar uma inferência textual de relevância para a um desenrolar de sua compreensão. Um mesmo símbolo pode conter vários significados, isso deve variar conforme o olhar do leitor.

Para que seja possível compreender qual ideia um símbolo nos quer transmitir, faz-se necessário que olhemos de uma forma diferente, buscando um olhar crítico sobre o texto, para que assim possamos entender seus significados.

É preciso a apreender ler e entender o que não está explicitado no texto, dessa forma o homem deve buscar o contexto histórico que esse símbolo está inserido. Dando a devida atenção aos mínimos detalhes, observando cada símbolo como se dele nascesse a ideia principal de uma obra, para que assim possa compreende-lo como um todo.

A arte da simbologia está dividida entre várias partes, dentre elas temos a metáfora, sendo a mais frequente e a mais referidas nos poemas, temos como definição prática de metáfora como a transferência de sentidos, uma assemelhação de sentidos entre coisas distintas. Para CANDIDO (2006) o conceito de metáfora é “pode ser dizer que a metáfora quebra a barreira entre as palavras comparadas, criando uma espécie de realidade nova”. Podendo ser definida como uma mudança da significação própria da palavra para outra que está sendo implicitamente referida, ocasionando assim inferência textual.

Ainda conforme defendido por CANDIDO (2006):

Das categorias acima referidas, a mais importante e frequente é a metáfora, que é um tipo especial de imagem. Ela se baseia na analogia, isto é, na possibilidade de estabelecer uma semelhança mental, e portanto uma relação subjetiva, entre objetos diferentes, abstraindo-se os elementos particulares para salientar o elemento geral, que assegura a correlação.

No mundo em que se encontra a construção poética, temos presente nos poemas *A flor e Náusea* e no *Nosso tempo* é notório vários símbolos que podem ser entendidos como uma inferência textual resultante do constante conflito do eu lírico com a realidade que o cerca, uma luta constante entre seu íntimo e o meio exterior a que ele pertence. A presença dessas metáforas são marcantes em *A flor e náusea*, onde já no título do poema temos a apresentação das duas metáforas que se destacam no poema *A flor e náusea*, presentes no título, dois símbolos distintos, o primeiro representa o amor, a ternura, já o segundo vem como nojo, enjoo, repugnância. Ao adentrarmos na leitura do poema conseguimos identificar a aparição dessas duas metáforas novamente, sendo que é através dela que temos a separação das duas etapas em que se dividi o poema, onde na primeira parte temos a náusea causada pelo que o eu presencia acontecer com a sociedade, situação de completa injustiça, que causa enjoo, assim nessa primeira parte o eu adentra num monólogo próprio para esclarecer a dúvida que o rodeia e o traz tantas melancolias, deve revoltar? Assim ficando nessa primeira parte em um impasse pessoal.

Essa náusea pode ser compreendida como indício do nojo que o indivíduo sente diante do mundo em que vive, ALVES (2007) tem-se um sujeito enjoado e com desejo de vomitar aquilo que o lhe incomoda e perturba. Um enjoo que traz a tona um sentimento de revolta interior por conta dos problemas sociais da época, problemas esses que o rodeia em virtude de ser pertencente a essa sociedade tirana, estando assim preso ao mundo que o cerca “preso à classe, às roupas. “Essa roupa é que simboliza essa ligação com o mundo. No entanto mesmo pertencendo a esse mundo, ele se recusa a conviver nele, a aceita-lo, rejeitando, com esse sentimento de rejeição que se forma o enjoo. Essa revolta particular que dá vida a novos conceitos. Essa posição do eu lírico perdido em meio ao caos social, essa indecisão sobre o que pensar e como agir vem explicitado quando ele se auto questiona “Posso, sem armas, revoltar-me?” Nesse verso fica nítido o medo do novo, mas medo do desconhecido é maior do que o sofrimento é o melhor dele, essa dúvida que o cerca é caracterizada pela angústia de perder aquilo que foi conquistado no mundo individual.

Essa incerteza, esse medo do novo vem evidenciada nos versos, esse medo do novo que se contrapõe com a segunda parte do poema que está relacionado com o nascimento da

flor, é uma parte do ser humano que teme o desconhecido, a saída de uma zona de conforto é assustadora, a luta por ideais pode significar perdas grandes demais, essa contraposição entre melancolia e mercadoria, pode ser entendida como uma metáfora relacionada a luta entre o mundo interior (melancolias) e mundo exterior (mercadorias), no entanto o eu sabe que mesmo preso a essa classe, ele deve seguir.

Na busca por compreender esse estado de melancolia apresentado em *A rosa do povo*, conseguimos associá-la ao sentimento de “perda”, ao mesmo tempo que representa um estado de questionar a si mesmo, assim não é por acaso que nessa obra em especial o autor não demonstre uma perspectiva idealista, nem tão pouco eufórica, mas sim uma vertente de representação melancólica. Assim, temos talvez exposição a violência causada pelo processo histórico da época, concomitante com experiências de perda, de dor, do medo, que inevitavelmente se associa a melancolia, ganham na obra profundidade, que resulta em não questionar a si mesmo, sendo que através dessa atitude melancólica se observa a realidade, onde de início só se vê um mundo marcado pela incerteza do futuro. Assim essa melancolia é oriunda reflexão do eu sobre o contexto social e histórico da época.

Quando se fala nessa dúvida sobre seguir em frente, temos exposto pelo enjoo que pode ser interpretado como sendo um repulsa, uma inquietação, sobre a real situação, e ao enjoar ele mostra que não concorda nem com a situação atual da sociedade e nem com a sua própria inércia, esse vomitar é uma forma de colocar para a sociedade o desejo de luta. Ao vomitar o eu lírico coloca para fora as melancolias que refletem seu interior.

O enjoo é um símbolo que remete a situação vivenciado pelo eu lírico que se encontra em crise, chegando ao ponto de realizar a reflexão sobre sua existência: “Devo seguir até o enjoo? Posso, sem armas, revoltar-me?”. Mostrando claramente uma crise de identidade interior, uma constante dúvida entre o “eu” e o “mundo” que o cerca, dúvidas e incertezas que se expressam pelas melancolias e mercadorias, ou seja, interior e exterior.

Outro ponto importante na simbologia em *A flor e a náusea* é o contraste entre a roupa branca e o aspecto cinzento nas ruas, contraste esse importante, já que o branco pode ser compreendido como a evocação da pureza, de uma paz interior, vale ressaltar nesse ponto que essa paz interior era somente fictícia, pois a inquietude do eu lírico é constante e até mesmo demonstrada através da náusea, esse branco que simboliza em linhas gerais a paz, a tranquilidade, tem como seu antagonista o cinza da rua, que pode ser relacionada ao mundo injusto e denso, mundo pelo qual ele caminha diariamente.

A cor cinza pode ser vista como a mistura do branco da roupa do eu lírico que vem representando a pureza que ao sair as ruas da cidade encontra com o sentimento de dor, medo,

angústia, de perda, assim a associando ao sentimento de luto, simbolizado pela cor preta, aonde misturando esses dois mundos, essas duas cores, branco e preto, o bom e o ruim, temos o surgimento do cinza, que representa essa incerteza de futuro. Numa visão poética o surgimento desse cinza, está relacionado ao fato de que ao caminhar pelas ruas onde o caos se instalou, espalhando medo, eu lírico que estava ainda limpo dessa influências causadas pelo sofrimento e pela dor, acaba por se torna cinza, onde o tem se ali o início pela busca um de mundo menos “sujo”, menos “negro”.

Ademais, também podemos compreender nesse cinza a representa a fusão do branco da roupa com a preto que representa a época de escuridão, trevas que se espalha pelas ruas, o cinza é justamente a mistura desse branco com o preto, união dos dois mundos, interior e exterior.

Essa náusea surge como uma escolha individual, da reação de pensamento sobre ser capaz lutar. Todos os seres humanos são responsáveis por aquilo que cria, por suas atitudes, por suas escolhas, e ao escolher o caminho (as ruas que caminhamos), temos sempre a dois prováveis resultados, a vitória e o fracasso. Deve-se procurar meios de lutar contra aquilo que nos atormenta, e ao romper o asfalto a flor encontra essa saída procurando vencer essa náusea:

Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralise os negócios,
 garanto que uma flor nasceu.

A pesquisadora ALVES (2007) defende em uma de suas pesquisas, que essa flor nasce para perturbar a situação imposta ao povo, como algo novo que se apresenta.

Com isso, mais se sustenta a idéia de que esta flor perturbadora da ordem e da disciplina surge do nojo, da raiva e da revolta, mas, ao mesmo tempo tem o compromisso de sufocar este ambiente de “podridão” do qual saiu. No quarto verso, percebe-se que a flor que acaba de nascer representa a violenta perturbação da “ordem” estabelecida, pois aparece mesmo sem o consentimento das autoridades. Ela é a própria imagem da poesia e do desabrochar revolucionário.

A rua pode ser entendida como um entre lugar. Um espaço de identidades transitórias, passageiras. Assim com essa transitoriedade não devemos visualiza-la como um ponto fixo no tempo e no espaço, mas sim um entre lugar onde sempre é preenchido e visto pelo novo. Não fica parado em inerte em meio a rua, ao mesmo tempo que não se pode ficar inerte ao

que nos rodeia, assim não se vive em um mesmo espaço e nem no mesmo tempo, vive-se em constante renovação, em tempo de constante transição.

Ao romper o asfalto a flor ilude a polícia (censura) e continua a se desenvolver, de forma lenta e despercebida. Em uma interpretação arriscada sobre a poema *A flor e a náusea*, podemos caracteriza-lo como o retrato de uma sociedade imersa em um mundo mercadológico, que está cinzento, provocador de náuseas, estando perdido em si mesmo, em seus conceitos, em seu meio social, em seus valores morais e éticos, assim ao romper o asfalto (barreira da vida cotidiana) a flor vem de forma lenta, mas contínua colocando a vista sua posição e suas ideias para uma sociedade justa, com isso temos um “eu” em busca de si próprio, de sua liberdade.

A questão envolvendo o símbolo da flor é muito ampla, mas pode ser levada pelo viés não somente de seu surgimento em meio ao asfalto, é se ela vai aparecer, mas também se alguém vai nota-la, colhe-la. Pelo que se nota, no contexto social a que pertence essa flor, ela surge como um símbolo de esperança, no entanto vale ressaltar que símbolos de esperança nascem todos os dias, crianças nascem, pessoas casam, estrelas caem, todos esses símbolos podem ser entendidos como de renovação, de esperança, de renascimento, a questão é que passamos por essa flor sem nota-la, pois estamos dormentes, e ela fica lá, imperceptíveis, e sendo até mesmo possível que alguém a perceba, no entanto ninguém a colhe, poucos estão dispostos a colher a flor, a ser “do contra”, já que somente se colocar na posição de observador é mais fácil. Essa metáfora da flor que rompe o asfalto está associada ao despertar para uma sociedade que sofre e precisa de ajuda, que mesmo de forma lenta e despercebida vão surgindo ideologias e atitudes que defendam o povo. Esta rosa ao romper o asfalto, destruindo barreiras, faz com que a esperança de que seja possível o nascimento de algo puro, inovador, acima de tudo, fiel ao que se propõe defender, o povo.

Ao nascer, essa flor simboliza a violação de normas imposta pelo regime autoritário da época, colocando-se como uma opção para a revolução, ou ainda mais ousado, a das ideias de luta socialista defendidas pelo poeta. Mesmo sendo feia ela continua crescendo e tomando forma, passando despercebida pela maioria das pessoas que passam por ela. Ao caracterizá-la como feia temos uma alusão a revolução que ela vem representando, que não acontece de maneira bela e em paz, mas sim com muita lutas, confrontos e desajustes, até que a paz e a beleza sejam novamente instalados.

Com isso é possível notar que ao longo da construção da obra *A rosa do povo*(1945) acontecimentos sociais estiveram abalando e consequentemente influenciando de forma indireta na construção dessa importante obra literária. Cada indivíduo constrói seus próprios

ideias e pensamentos, isso não é diferente em Drummond, que encontra na arte da escrita uma forma de idealização de um indivíduo intelectual voltado para a defesa das questões sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos poemas *A flor e náusea* e *Nosso tempo* de Carlos Drummond de Andrade foi apresentado questões envolvendo contextos sociais da era Vargas. Essa análise evidenciou que o indivíduo intelectual se encontra diretamente envolvido por ideologias sociais, assim fazendo-o conceber obras literárias carregadas de posicionamentos sociais, de conceitos de uma sociedade que almeja uma igualdade social, carregada assim de múltiplos sentidos. Tal análise, teve como eixo propostas de pesquisadores como Candido, Coellho, Said, Santiago, Merquior, dentre outros autores com que foram tiveram suas teorias encaixadas no decorrer da evolução da escrita desse texto. Assim podemos contar com colaborações dos escritos desses variados autores na concepção do entendimento sobre o tema envolvendo o sujeito lírico e seu tempo histórico, compreender como está o engajamento em questões sociais da época. Foi procurado encontrar maneiras de abordagem que permitisse examinar os poemas escolhidos como um sistema estruturado em fases, que acompanha o desenvolvimento social, como um desabrochar de uma “flor”, onde o discurso intelectual não foge daquilo que julga ser justo.

As inquietudes que percorrem a prática poética de Drummond demonstram que podemos entender que *A rosa do povo* como uma amostra da superação dos conflitos sociais e dos conflitos internos do autor.

Assim para que possamos melhor resumir como se define a concepção desses poemas aqui analisados, temos como base a indicação de preocupações diárias, conflitos de classes, e também a exposição de um tempo vazio, marcado por sofrimento e destruição de uma sociedade. Sendo assim temos os dois poemas: *A flor e a náusea* e *Nosso tempo* concebidos em termos de reflexão social, apresentando também perspectivas de um novo tempo.

Então conclui-se que em *A flor e a náusea* e *Nosso tempo* possuem como predominância uma vertente voltado para o social, com preocupações relacionadas com a ordem política e social. Com isso, Drummond apresenta ideologias dos tempos do período da era Vargas, assim demonstrando para o mundo através da poesia os diversos problemas sociais, políticos e econômicos que está inserido na década de 1940.

Temos então um poeta, um intelectual como um indivíduo consciente de seu papel e de sua função social. Então isso se reflete na poesia, colocando a vista o drama do homem moderno que fica preso a uma concepção de sociedade imposta por seus governantes.

Drummond então através de seus poemas demonstra sua preocupação com o ser humano e com ele está inserido em uma sociedade moderna e rodeada por problema sociais que cada vez mais assolam a população, onde viver em meio a essa sociedade que apresenta variadas implicações pode se tornar um verdadeiro desafio. Assim, formação poética drummondiana apresenta nesses dois poemas o compromisso com o povo e com os aspectos sociais, políticos de época, revelando assim a responsabilidade social do escritor.

Podemos então concluir que a poesia é constituída de um instrumento de luta, de denúncias, de reflexão social e existencial. Onde se pode ocorrer em determinado espaço uma discussão sobre ideologias sociais.

Foi possível notar nos dois poemas analisados uma insatisfação por parte de Drummond diante dos acontecimentos político-sociais da época do regime militar do governo de Getúlio Vargas. Podendo até mesmo me arriscar a dizer que esses poemas constitui-se de um desabafo de eu - lírico inconformado com a condição do homem diante das grandes tensões da trajetória do seu tempo.

Enfim, sei que esse estudo não pode ser dado como concluído, já que a riqueza dessa obra literária *A Rosa do Povo* não se limita somente ao que foi abordada nessa pesquisa, nessa obra e nos poemas contidos nela, pois existem um leque de leituras, onde se pode ter muitos olhares e vozes, isso só dependerá de quem adentrar no magnífico mundo do poeta Carlos Drummond de Andrade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Izandra. O lirismo de Drummond em "A flor e a náusea". Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Comunicações dos fóruns. PPG-LET-UFRGS-Porto Alegre- Vol.03 N. 02-jul/dez 2007.

ANDRADE, C. D. De. A rosa do povo. Rio de Janeiro: Record, ed.21ª. 2000.

AMARAL, J. O. et al. O discurso denunciador da obra A rosa do povo de Carlos Drummond de Andrade. Teixeira de Freitas-BA. 2008.

CANDIDO, Antônio. "Inquietudes na poesia de Drummond". In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antônio. Estudo analítico do poema. 5.ed.- São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CANDIDO, Antônio. Educação pela noite e outros ensaios. Editora Ática, São Paulo, 1989
Associação Editorial Humanitas, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura e Linguagem: a obra literária e a expressão linguística. 2 ed. Quíron. São Paulo, 1976

HOUAISS, A. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2002.

JUTGLA, C. A. S. Lírica e autoritarismo em *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo. 2008.

MAQUÊA, Vera. Resenhas: representações do intelectual, de Edward Said. Universidade do Estado de Mato Grosso/Universidade de São Paulo. Via Atlântica nº8, DEZ/2005.

MERQUIOR, José Guilherme. Verso universo em Drummond; tradução de Marly de Oliveira. Rio de Janeiro, J. Olympio, Secretária de Estado de Cultura, Ciência e Tecnologia. 1975.

SANTIAGO, Silviano. Poetas Modernos do Brasil: Carlos Drummond de Andrade. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes Ltda. 1976.

TALARICO, Fernando Braga Franco. História e Poesia: texto e contexto em A rosa do povo (1943-1945), de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo, 2006.